



APRESENTAÇÃO

LITERATURA, NARRATIVA, MEDICINA: SAÚDE E DOENÇA NAS LETRAS, NAS ARTES E NA VIDA

É uma enorme alegria escrever a “Apresentação” deste número especial da *Revista Metalinguagens*. E é também com muita gratidão que o faço, já que a tarefa é decorrente do generoso convite feito pelos Editores, que confiaram a mim o papel de Organizadora.

O conteúdo que segue, certamente, interessará a todos os que querem se aprofundar em estudos interdisciplinares da linguagem. Tais estudos apresentam grande relevância, pois – lembremos – a linguagem, em suas mais variadas formas, atravessa e constitui todas as esferas da atuação humana. Por ela é possível compreender tal atuação e, na direção inversa, compreender o funcionamento da própria linguagem e como ela se molda e transforma em função da ação humana.

Nesta edição, o leitor verá a linguagem, em particular a literária, atravessando as práticas de saúde (ou será a saúde atravessando a literatura?) e poderá constatar a perspectiva fundamental que perpassa os textos aqui publicados, alinhada à perspectiva geral do GENAM (Grupo de Estudos e Pesquisa em Literatura, Narrativa e Medicina da USP), do qual os autores participam direta ou indiretamente. Como diz Fabiana Carelli, cofundadora do GENAM, na entrevista que segue, trata-se de uma perspectiva teórico-metodológica, epistemológica e ética que “[...] parte da literatura e das artes para compreender as relações de saúde.”. Uma

compreensão das relações de saúde assim originada pode, efetivamente, ajudar a – se for o caso – modificar positivamente as práticas correspondentes, na medida em que amplia o raio de visão de quem está diretamente envolvido na Saúde, em particular, os profissionais e seus pacientes. É por isso que a perspectiva aqui envolvida inclui, como desdobramento inevitável, pensar a linguagem como mais do que uma forma de produção de conhecimento e compreensão do mundo, mas também como forma de ação concreta sobre ele.

Sugiro que se comece a leitura pela entrevista que Fabiana Carelli nos concedeu. Por ela, conhecerão não apenas a pessoa Fabiana, talentosa e generosa, como também a pesquisadora rigorosa e aberta ao novo, que propõe e estimula discussões que contribuirão decisivamente para o desenvolvimento dos artigos e ensaios da maior parte dos autores convidados a participar deste número. Aos autores e às autoras, profissionais de primeira linha e pessoas incríveis, meus profundos agradecimentos!

Os artigos foram dispostos em uma ordem pensada para favorecer a leitura mais produtiva possível, em especial aos leitores que tomam contato com esta vertente dos estudos linguístico-literários pela primeira vez.

Assim começamos a seção “Artigos” com *Linguagem, saúde e doença em “Bartleby, o escrivão”, de Herman Melville*, escrito por Carlos Eduardo Pompilio e Elieni Caputo, em que se explicita a importância da linguagem da perspectiva de profissionais da saúde interessados em seus efeitos (os autores são respectivamente médico e psicóloga) e se oferece uma boa apresentação geral de autores e teorias que dão base aos estudos do GENAM. No texto, argumenta-se que a comunicação envolvida no encontro clínico exige um estudo da linguagem que agregue um tipo de verdade diferente daquela proporcionada pela ciência médica. Alega-se que é nas humanidades, em particular na literatura, que está a chave da compreensão do significado das vivências pessoais. O exemplo do personagem Bartleby é mobilizador. Sua teimosia, expressa na repetição da frase “Eu preferia não”, dita a cada vez que era solicitado a

realizar uma tarefa no escritório em que trabalhava, vai assumindo “[...] características terríficas de um processo catatônico de adoecimento.”. Dizem-nos os autores: “Bartleby não come, não se move do lugar, não faz o que lhe é solicitado e permanece olhando fixamente para a parede, a ponto de se tornar semelhante, em sua paralisia, à mobília do escritório. A essa recusa se segue a permanência de Bartleby no escritório, onde se instala como morador, opondo-se a qualquer iniciativa para sua saída [...]. Tal oposição gera a intervenção policial e a consequente prisão de Bartleby, que mesmo assim, mantém sua forma de resistência passiva ao recusar-se a comer na prisão, o que acaba por levá-lo à morte.”.

O conto *Bartleby, o escriturário*, de Herman Melville, põe em relação linguagem e loucura, e não restringe a loucura ao indivíduo. Por meio da linguagem, o comportamento de Bartleby transfigura não só o ambiente em que vive, mas também o mundo social de todos os envolvidos.

O segundo artigo intitula-se *A febre como relógio: malária, narrativa e temporalidade em “Sarapalha”*, escrito por Cícero Nardini Querido, José Otto Reusing Junior e Fabiana Carelli. Aqui temos dois autores médicos e uma autora especialista em análise literária, um trio alinhado que explora a reconfiguração narrativa da experiência temporal promovida pela malária em indivíduos afetados pela doença, a partir da análise textual do conto *Sarapalha*, de João Guimarães Rosa.

Da coletânea de contos *Sagarana, Sarapalha* é uma narrativa construída a partir da prosa de dois homens solitários, ambos acometidos pela malária, ambos saudosos da mesma mulher. No artigo, os autores discorrem sobre como o tempo da doença, subjetivo, se contrapõe, no conto, ao tempo objetivo pelo qual se conduz o discurso biomédico, reduzido a componentes físicos. Além de oferecer uma análise sensível do conto, os autores mostram como “[...] a alternância entre tempos verbais e o foco narrativo permitem apreender a experiência subjetiva do tempo daqueles que atravessam o adoecimento e a iminência da morte.”. O artigo é, também, uma demonstração de como Guimarães Rosa engendrou em



Sarapalha, uma obra emblemática no que se refere ao alcance ontológico privilegiado da narrativa.

A seguir Hélio Plapler nos brinda com *Pétalas no consultório: uma contribuição de “A dama das camélias” para a percepção do feminino no ambiente do encontro médico-paciente*. Se, no primeiro artigo, a preocupação teórica que dá corpo aos estudos do GENAM se sobressai, e, no segundo, sobressai-se o foco nos elementos textuais que atestam a subjetividade, neste terceiro artigo, o autor – também médico – relaciona a doença da personagem Marguerite – a “dama das camélias” de Alexandre Dumas Filho – à situação feminina e ao papel do médico, fazendo sobressair um aspecto central para o GENAM: a necessidade de se pensar a linguagem como forma de cuidado com o paciente e, em consequência, a necessidade de uma reflexão mais sensível por parte do médico sobre o seu papel. Diz-nos Plapler, em sua conclusão: “Estão contidos no texto diversos padrões que podemos reconhecer ainda hoje. A leitura de obras como *A dama das camélias* contribui para se perceber a existência dos problemas socioculturais que as mulheres enfrentam e que afetam sua condição de saúde. Essas mulheres nos chegam muitas vezes desestruturadas, desfeitas, em pedaços, tanto física quanto emocionalmente. Seriam essas as pétalas no consultório. Em nossa função como médicos é preciso juntar as pétalas para ver a flor.”.

O quarto artigo é *O metaforizar da clínica como configuração de doença, vida e morte*, de Andrea Funchal Lens e Fabiana Carelli. Aqui, temos duas autoras da área de Letras, igualmente interessadas no funcionamento da linguagem no encontro clínico. Parte-se de conceitos da literatura para compreender as relações de saúde e, em particular, no caso deste artigo, para compreender o que dizem pacientes e profissionais de saúde por meio de metáforas. A proposta é analisar “[...] as possíveis configurações de sujeito e seus estados de doença, a partir do transporte de termos ordinários e cotidianos para a criação de imagens figuradas do simbólico, dando forma às abstrações do ser e presentificando a consulta médica

como espaço de configuração radical de vida e morte, especialmente expresso pela construção metafórica.”

Para isso, as autoras se utilizam de conversas reais, ocorridas em encontros clínicos, gravadas, transcritas e analisadas, com as devidas autorizações, para efeito da pesquisa de que este artigo é um dos frutos. De acordo com as autoras, “Não há nessa exposição das diferentes metáforas da clínica o objetivo de defini-las ou dicotomizá-las em algo superior ou inferior, mas de apontar suas diferentes naturezas [...]”. Certamente, por meio da apreensão dessas possibilidades metafóricas no encontro clínico, muito da comunicação médico-paciente pode ser aprimorado.

Os dois artigos seguintes, de Davina Marques e Henrique Moura, respectivamente, nos dão a dimensão da riqueza das relações possíveis entre linguagem e saúde, oferecendo-nos análises que relacionam à saúde outras linguagens, além da verbal. Em *Música e saúde*, Davina sustenta que a arte – em especial a música – pode minimizar a dor nos caminhos que o sujeito toma para o seu enfrentamento, tornando-se fundamental para devolver a esse sujeito uma condição de saúde. A análise sensível da canção *Strange fruit* (estranho fruto), eternizada na voz da cantora americana negra Billie Holiday, pautada na questão do linchamento negro, deixa claro que a doença pode ser social. Nos diz a autora: “*Strange fruit* aponta a doença social, fala dos sintomas”. E, mais adiante: “Ainda que os fascismos tentem calá-la em seus movimentos doentios, a arte coloca em evidência um delírio de uma saúde por vir.”

Henrique Moura, em *Cinema falido, saúde frágil: metalinguagem e alegoria no filme “O último cine drive-in”*, nos traz a relação linguagem/saúde construída na linguagem cinematográfica. O drama familiar trazido pelo filme, marcadamente com a doença da personagem central, funciona como uma alegoria do cinema brasileiro e do próprio Brasil, que, como nos diz o autor, são respectivamente “[...] um cinema economicamente frágil e um

país politicamente debilitado.”. Mais uma vez, aponta-se o que se pode chamar de doença social e seus desdobramentos, desnudados pela arte.

Finalizando a série de artigos, temos *Pequenos Hermeneutas: literatura, arte e saúde em narrativas e imagens*, artigo de Fabiana Carelli, que nos dá um vislumbre das perspectivas futuras do GENAM, ao compartilhar com o leitor a pesquisa atual da autora, em andamento na Universidade de Princeton.

Como a própria autora nos diz, já no resumo do artigo, o trabalho “[...] trata mais de hipóteses de pesquisa do que de respostas.”. Ainda que a afirmação pareça modesta, o objetivo do trabalho em andamento, que envolve pesquisa teórica e, também, criação artística, é bem ousado. Fabiana nos diz: “O objetivo das ações criativas e críticas a respeito das quais aqui se pondera é, no limite, fundamentar a reflexão sobre a arte e o exercício da criação artística como modo de conhecimento e de ação sobre o mundo.”. E isso será feito “[...] por meio da elaboração narrativa e imagética de cinco obras ilustradas relacionadas ao campo interdisciplinar da medicina e da literatura e de uma reflexão teórica sobre elas. Tais obras constituirão os cinco primeiros volumes de uma planejada coleção intitulada *Pequenos Hermeneutas*, elaborada a partir da análise crítica das séries *Pequeno Filósofo* (Editora Martins Fontes, Brasil) e *Les Petits Platons* (Les Petits Platons, França) e de um estudo amplo da fenomenologia da saúde e de suas ramificações teóricas, de aspectos filosóficos sobre arte e linguagem e de modelos e técnicas da criação literária e da ilustração. É o processo de criação dessas obras, por meio de um íntimo diálogo entre a literatura, as artes visuais, a filosofia e a ciência que se dá aqui a conhecer.”.

Durante o artigo, Fabiana discorre, assim, sobre o processo de criação dos personagens centrais de cada volume, sobre o trabalho de criação das respectivas narrativas e, também, sobre a criação das ilustrações. Entende que a elaboração escrita e visual das obras que compõem a coleção *Pequenos Hermeneutas* atende a uma necessidade de agir artisticamente sobre o mundo.



Trata-se, em suma, de ampliar a reflexão teórico-metodológica do GENAM, aliando-a à criação literária e artística, como modo de ação incisivo e concreto sobre a vida.

Após a série de artigos, o leitor poderá tomar algum fôlego e seguir para as próximas seções.

Em “Resenhas”, encontrará o texto intitulado *Sobre a incomunicabilidade: Beckett e a linguagem médica*, de Tarso Adoni, que nos fala sobre o livro *Tempo final*, de Maylis Besserie, publicado pela Editora Nós, em 2022, com tradução de Lívia Bueloni Gonçalves. Na obra, a escritora especula como teriam sido os últimos meses de vida do célebre dramaturgo Samuel Beckett na casa de repouso francesa Tiers-Temps, em Paris, onde foi institucionalizado em 1988. Dividida em “três tempos”, a obra intercala reflexões do protagonista com anotações do médico e da equipe da enfermagem, desnudando, no “primeiro tempo”, o problema de comunicação que, habitualmente, vivencia-se na prática médica. Besserie outorga a voz a Beckett, que narra sua experiência, atormentado pelos fantasmas do passado e pelas limitações do presente, decorrentes da redução da mobilidade e do enfisema pulmonar. Entre sua fala e a da equipe de saúde há um descompasso que beira a incomunicabilidade. E é esse o aspecto que Tarso Adoni, da perspectiva do médico que é, extrai da obra resenhada para refletir sobre a comunicação na prática médica a partir da literatura.

O problema da comunicação entre médico e paciente está presente também na segunda resenha da seção, intitulada *Narrar como uma forma de ação*, escrita por Fernanda Raquel de Oliveira Lima. A obra resenhada é *A arte de narrar para sobreviver: impactos das narrativas de pacientes e familiares na construção do saber médico (com foco no contexto da oncologia pediátrica, em São Paulo-SP, Brasil)*, de minha autoria, publicado pela Editora CRV, em 2022. O livro é o resultado de uma pesquisa de alguns anos realizada a partir da minha experiência como mãe de paciente com câncer, como cofundadora do Instituto Heleninha, como pesquisadora da linguagem nas práticas de saúde e membro do GENAM. Por tratar das

narrativas de doença de pacientes adolescentes, a obra traz para o processo de comunicação também a voz das mães ou pais, participantes ativos na interação com os médicos. Do confronto entre as falas desses interlocutores (médico, pais e paciente) durante o dolorido processo do câncer infantojuvenil, é possível observar não apenas as diferentes formas de compreender e lidar com a doença, mas também extrair dele elementos para valorizar devidamente as narrativas de doença – gênero do discurso ainda pouco explorado – e a necessidade de serem mais ouvidas.

Na seção “Poesia para prosa”, Fabiana Carelli e Viviane Zeppelini nos presenteiam com *João, sua dor, seu sol*, em que analisam o poema *Um monumento à aspirina*, de João Cabral de Melo Neto. A epígrafe escolhida pelas autoras, do próprio João Cabral, nos diz muito sobre o poema e sobre o poeta: “Não tenho livros, mas vários remédios de cabeceira”. Sabe-se que o poeta sofria de fortes enxaquecas. E, ao que tudo indica, lidava com elas com bom humor e poesia. Este breve ensaio nos mostra que as peculiaridades do corpo podem ser a inspiração poética, e a produção criativa resultante pode ser o remédio para o sujeito doente, para quem a corporalidade se torna mais latente do que nunca.

Encerramos este número especial da *Revista Metalinguagens* com *O Unheimlichkeit no conto “Sorôco, sua mãe, sua filha”, de Guimarães Rosa*, na seção “Canto do conto”. Abrimos o número com o artigo de Carlos Eduardo Pompilio e Elieni Caputo e o finalizamos com texto dos mesmos autores, que mais uma vez desnudam a relação entre linguagem e loucura, desta vez, no instigante conto de Guimarães Rosa.

O termo em língua alemã “*unheimlich*” é utilizado como eixo da discussão, já que é sinônimo de *estranho*, *inquietante* ou *infamiliar* e, ao mesmo, tempo abarca aquilo que é também familiar ou íntimo. Como nos dizem os autores, “No conto de Rosa, o estranho, infamiliar ou *unheimlich* gerado pela experiência da loucura é convertido em seu oposto, o familiar ou *heimlich*, visto que, após a partida da mãe e da filha de Sôroco para o manicômio



de Barbacena (que viria a se tornar, historicamente, o reduto do Holocausto Brasileiro), a cantiga sem sentido delas, até então insígnia do adoecimento mental, torna-se familiar ao grupo, que passa a entoá-la junto de Sôroco de maneira emocionada.”.

Acredito que será também de maneira emocionada que a leitura deste volume se encerrará. Emocionada porque muito provavelmente cada um de nós irá constatar nesse encontro com os textos, mais do que uma unidade racional, uma unidade corpórea que, de certa maneira, toca nossos próprios corpos. Cada artigo ou ensaio traz à baila nossa corporalidade frágil, suscetível à doença e à dor (física e anímica), ao mesmo tempo em que revela a força desses mesmos corpos que, narrativamente, transformam fragilidade em lugar de resistência.

Finalmente, quero aproveitar o texto desta “Apresentação” para deixar aqui registrado um agradecimento muito especial à Viviane Zeppelini, uma das autoras deste número, pela colaboração na formatação final dos textos. Seu olhar crítico, sua prontidão e agilidade foram fundamentais para que pudéssemos entregar os textos finais aos Editores devidamente organizados e adequados às normas, com todo o carinho e esmero que esta produção merece.

Agradeço também à equipe da *Revista Metalinguagens* pelo dedicado trabalho de revisão, que garantiu a necessária qualidade final deste volume.

Aos Editores, mais uma vez, obrigada pela oportunidade. Ler e organizar esses textos foi uma tarefa deliciosa. E certamente a recepção pelos leitores também será.

Boa leitura!

Prof^a. Dr^a. Tatiana Piccardi¹

Agosto de 2022

1 Doutora em Letras pela Universidade de São Paulo. Docente do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo – São Paulo. E-mail: <tatiana.piccardi@ifsp.edu.br>.